

Empreendedor

DDL arg Argamassas inteligentes

Na Universidade de Aveiro, nasceu uma argamassa 100% compatível com os edifícios antigos. Os inventores garantem que é mais fácil de usar, menos poluente e mais económica do que os produtos vulgares.



TERESA GENS

Três investigadores do departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro - David Monteiro, Luís Mariz e Diogo Pires - sabiam que existia no mercado uma lacuna nos materiais de construção para a reabilitação de edifícios antigos. “Os produtos utilizados não eram adequados, nem compatíveis com os materiais antigos” sendo, até, “catalisadores de degradação dos imóveis”.

Conscientes, também, de que, “neste momento, 25% do parque imobiliário português tem mais de 70 anos, estando a necessitar de intervenções, nalguns casos urgentes”, o trio resolveu pôr mãos à obra na tentativa de criar melhores soluções para a reabilitação, conservação e restauro de edifícios antigos e históricos.

Dois anos de trabalho e investigação culminaram em três formulações que apelidaram de TM - Traditional Mortars, o que significa uma argamassa compatível com os materiais dos edifícios antigos. Feita a descoberta, havia que fazê-la passar do mundo académico para o

mundo empresarial e foi o que fizeram através da constituição da DDL arg, “spin-off” da Universidade de Aveiro criada para comercializar estes novos produtos.

Viável rima com sustentável

Os produtos da DDL arg são, defendem os investigadores (ver perfil), “a solução mais viável, sustentável e rentável para a reabilitação de edifícios”. São “pré-doseadas, aditivadas com produtos naturais mas produzidas industrialmente, personalizáveis, compatíveis com os materiais originais aplicados na construção dos edifícios e de fácil preparação uma vez que basta adicionar a quantidade de água indicada”.

Ao não utilizarem, “qualquer tipo de produtos cimentícios”, tornam-se “mais elásticas e porosas”, permitindo que as paredes “sequem mais depressa”. Acresce, sublinham, que estas argamassas “inteligentes” absorvem e expulsam a humidade, “ao contrário dos produtos cimentícios utilizados actualmente que criam uma barreira impermeabilizante não permitindo essa acção de secagem”.

As fissuras também deixam de ser uma dor de cabeça já que “a elas-

tidade destas argamassas acompanha as solicitações das fachadas dos edifícios”, prometem os empreendedores, sublinhando que, ao consumirem dióxido de carbono, para realizarem a sua cura, estas argamassas “apresentam a especificidade de serem amigas do ambiente”.

Outro dos traços distintivos apontados pelos investigadores a esta solução resulta do facto de passar a ser possível - através da caracterização mecânica e química das argamassas já existentes num dado edifício - criar uma “solução personalizada” para aquela parede ou aquele suporte específico.

É económico?

Os promotores da DDL arg garantem que a solução acaba por ser a mais económica. Afirmam que não há no mercado paralelo com esta oferta e que, em comparação com os produtos hoje utilizados para o mesmo fim, as linhas apresentadas pela DDL arg “têm preços mais baixos e outros mais altos, dependendo do tipo de aditivo e quantidades que são utilizadas”.

Só que, “ao contrário dos materiais que utilizam produtos cimen-

tícios como ligante”, as argamassas DDL arg apresentam características mecânicas e químicas “semelhantes aos materiais originais”, sendo “mais fiáveis, duradoras e económicas a curto e longo prazo”.

A DDL arg prevê produzir nos próximos três anos qualquer coisa como 10 mil toneladas de argamassas e alcançar uma facturação acumulada perto dos cinco milhões de euros garantindo 12 postos de trabalho. Para já, a prioridade é a de conseguir financiamento de forma a produzir industrialmente as soluções desenvolvidas (ver caixa).

Depois de venderem as argamassas a nível nacional, a médio prazo será a vez de fornecerem alguns mercados internacionais de onde lhes chegaram “várias encomendas”. Mais à frente, a DDL arg pretende lançar-se no mercado mundial com uma “quota significativa” pois a solução, garantem, é inovadora à escala global.

A empresa não pretende desviar-se daquela que é a sua rota desde o primeiro minuto: a da investigação e do desenvolvimento. Os três promotores não querem ficar por aqui e pretendem lançar mais e novos produtos.

PERFIS

APARENTEMENTE,
NADA OS UNIA

Se David Monteiro gosta de jogar ténis e futebol, a Diogo Pires a bola não diz grande coisa. Não troca as horas em silêncio à espera que o peixe morda. Longe dos fios de pesca, Luís Mariz prefere perder-se nas paletas e nos pincéis. O primeiro, com 28 anos, tem um mestrado em engenharia civil. O segundo, nos 30 anos, sente-se como peixe na água na área da conservação e do restauro, e o terceiro, com 41 anos, tem formação em pintura e é doutorado em engenharia civil. David Monteiro é de Fafe, Diogo Pires de Lisboa e Luís Mariz do Porto. Nada, nem a origem, nem os gostos, parecia unir estes três destinos. O que os sobrepôs então? O departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro, ao qual cada um deles foi parar por motivos e em fases diferentes. Este projecto da argamassa “de última geração” não lhes alterou a vida, mas exigiu “muita dedicação, ambição e força de vontade”. Um processo em que “tudo foi complementado e desenvolvido em conjunto”.

Financiamento, o suspeito do costume

Os produtos a comercializar pela DDL arg estão concluídos e testados em edifícios reais. Agora, faltam investidores e parceiros para implementar a produção industrial do projecto. Os promotores investiram, até agora, cerca de 12 mil euros, sendo que são necessários 170 mil euros. Os promotores sublinham que, sem a Incubadora de Empresas da Universidade de Aveiro, “não teria sido possível atingir muitos dos objectivos e a maturação da ideia de negócio” e afirmam que o financiamento para a realização do projecto tem sido, de longe, a maior dificuldade. “É de grande dificuldade encontrar pessoas e instituições, tanto públicas como privadas, dispostas a entrar num projecto inovador”, sublinham, acrescentando que “as pessoas usam muito a palavra empreendedorismo, mas, na prática, nada funciona como é publicitado e referido”. Preconizam como solução “o maior apoio pelo Estado e por fundos de forma a estas ajudas serem mais acessíveis”.